

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.



ASSIGNATURA.		ASSIGNATURA.	
CÔRTE E NICTHEROY:		PROVINCIAS:	
Por anno.....	12\$000	Por anno.....	16\$000
Por semestre.....	6\$000	Por semestre.....	8\$000
Por trimestre.....	3\$000	Por trimestre.....	4\$000

Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da côrte.

Profissões Liberaes.

IV.

O MEDICO.

O medico, esse braço forte que combate em prol da conservação da vida e da saúde, esse anjo tutellar das dôres de uma familia, tem na sua honrosa profissão uma tão penosa quão gloriosa missão.

Todo o homem tem por instincto o amor da propria conservação, da prole e da familia. Essa é a condição, *sine qua non*, da possível fruição dos prazeres da vida: ao que se deve ajuntar ainda que a saúde é também indispensavel para conseguir-se a tal ou qual felicidade que se pôde obter neste louvavel trajecto pelo mundo á que se chama vida.

A medicina, essa preciosa sciencia tão antiga como o homem, tem por alvo attingir o nobre fim de fazer com que a contingente natureza humana possa reagir contra os elementos de destruição que a perseguem, prolongando-se por um periodo de tempo consideravel até que a inexoravel mão da morte restitua á terra o que della proveio!

Já se vê quão escabroso e escoregado é o caminho que tem de trilhar o medico; quão sublime é a sua missão, e quão proficuos são para a humanidade o seu constante labutar e a sua esmerada solicitude na pratica da profissão.

Para conseguir esse precioso dom de combater com vantagem a morte, são de mister ao medico possuir dotas já naturaes, já creados pelo próprio esforço, mas sempre co-existentes; sempre em força activa para que a sua missão se não desvirtue, e o seu mandato scientifico e profissional se não desnature.

Em seu archetypo ideal lêem-se as seguintes expressões, das quaes cada uma representa uma qualidade distincta, ou a sentença de um predicado indispensavel no conjuncto dos outros, para formar uma natureza privilegiada e sem igual, como deve ser a do medico.

Estas expressões são: talento especial, desinteresse pleno, amor da gloria, assiduidade no trabalho, honestidade inconcussa, perspicacia decidida e coragem perseverante.

Quem ha ahi que possa definir e desenvolver com profundeza tão sublimes attributos?

Não ha negar, a empreza é difficil e arriscada. Ha idéas que mais se comprehendem pela simples affirmacão do que por uma exposicão minuciosa dos elementos que as caracterisam: n'este caso parecem estar os attributos que pela reflexão descobrimos nessa bella entidade a que chamamos — *Medico*.

Sem embargo, vamos cumprir a nossa promessa, convicto de que só teremos em resultado um frouxo vislumbre da luz immensa que nos inunda a vista em perspectiva de um tão grandioso typo.

A engenhosissima combinação da machina corporea do homem, que funciona sob a multiplicidade de acções e reacções tão diversas, e que tem por sede de actividade orgãos tão diferentes e adequados ao fim especial a que se destinão, sem duvida que requer para seu estudo uma aptidão especial, um tino adrede convergido para a observação de tão singular sciencia, que se propõe esmerilhar não só a natureza, disposição, contextura e fim de taes orgãos e suas funcções, como ainda investigar as causas productoras de seu mal-estar e definhamento, e os meios de combatel-as.

Para uma intelligencia vulgar passarão apenas como desapercibidos os diversos phenomenos que em tal ou qual vicissitude da enfermidade se derem no corpo humano; para o talento especial, para o genio medical, dignamo-lo assim, uma simples circumstancia, um symptoma peculiar à natureza do individuo tem uma consequencia importante, desperta muitas vezes uma idéa grandiosa, uma quasi inspiração divina que não é mais que o resultado do talento applicado à sciencia, salvadora mil vezes de uma vida preciosa!

Deve ainda caracterisar o medico o completo desinteresse com que cumpre-lhe desempenhar os misteres da arte. Seria por certo amesquinhar a sua profissão e cogitar mais no interesse pecuniario que lhe ha de resultar do exercicio de suas funcções, do que no serviço que presta à humanidade; cumpre-lhe considerar e ambicionar mais o galardão que lhe ha de provir da gratidão, do que a justa, mas secundaria recompensa material dos seus inestimaveis serviços.

E para que se fortaleça em seu espirito cada vez mais esta idéa, o que será preciso? Sem duvida que é forçoso que elle alimente no intimo do peito o amor da gloria.

Munido d'esse nobre sentimento, só proprio das grandes almas, marchará sempre avante na carreira brilhante que percorre, sem que o frio calculo do interesse lhe engele as faculdades intellectuaes e moraes, que tanto o devem distinguir, porquanto é incompativel com a mesquinhéz do interesse esse sentimento puro de ardor pelos fins gloriosos e humanitarios.

A assiduidade no trabalho não é mais do que um meio seguro para o aperfeiçoamento na profissão ardua à que se dedica o sacerdote da vida e da saúde.

Seu afan e dedicação são indispensaveis para mitigar as dores rebeldes que trucidão o corpo do enfermo, e enchem de lagrimas e tristezas uma desolada familia.

Não deve elle poupar nem as vigílias nem o sacrificio de outro qualquer repouso ou prazer ao *desideratum* à que se propõe. Cada uma destas faltas pôde trazer-lhe uma consequencia funesta, e muitas vezes irreparavel. Que jámais lhe peze na consciencia um tal remorso!

Seu character deve ser por demais honesto. O abuso de confiança que proviesse da circumstancia tão fallivel de se lhe outorgarem segredos de familia, ou exames que em outro qualquer

caso offenderião o poder, seria revoltante e digno do mais severo castigo. Sua moral e seus costumes devem ser inconcussos.

Em seus dotes de espirito descobrimos ainda uma qualidade essencial, que nem é dada inteiramente pela natureza, nem filha só do proprio esforço: queremos fallar da perspicacia e atilamento que lhe deve ser peculiar. Se elle tiver o talento especial de que já fallámos, sem duvida que com a pratica quotidiana da profissão adquirirá esta apreciavel qualidade.

Nas investigações das origens e causas das enfermidades está muitas vezes a pedra de toque da applicação da arte: quer seja o proprio individuo que queira occultar o motivo de seus males, quer os phenomenos e peripecias que apresenta a enfermidade em seu curso, o que é exacto é que ao medico cumpre desvendar os arcanos desses mysterios perscrutando com summa perspicacia a fonte de onde dimanão os males. De outra sorte improficuos seriam sempre os seus esforços no campo da sciencia.

Finalmente na constante lide de sua gloriosa carreira, jámais o deve abandonar a confiança nos recursos da profissão. Cabe-lhe mesmo jámais desanimar, e antes perseverar em todo o caso com coragem nos ultimos meios que lhe indica a sciencia.

Só por tal modo terá elle conseguido a fama mais aprazivel de que pôde gozar o homem:

— A de paternal amigo da humanidade.

DR. M. J. RODRIGUES.

Sciencias.

ALGUNS APONTAMENTOS RELATIVOS AO ESTADO SPHEROIDAL DOS CORPOS; PROVA DO FOGO; O HOMEM INCOMBUSTIVEL, ETC., ETC.

Por M. Boutigny.

(Relatorio lido na academia das sciencias de Paris).

(Vid. o n. 4.— Conclusão).

Creio ter provado, ha já algum tempo, * que a agua no estado spheroidal, tem a propriedade singular de reflectir o calorico irradiante, não attingindo nunca a temperatura da sua ebullicão; e d'aqui se conclue que estando humidos o dedo ou a mão, não podem elevar-se á temperatura de + 100 grãos, pois que o tempo

* Estudos sobre os corpos no estado spheroidal, pag. 24 e seguintes.

que dura a experiencia não dá lugar a que a humidade se evapore inteiramente.

Em resumo. A mão, quando passa pelo metal em fusão, fica isolada; a sua humidade volta ao estado spheroidal, reflecte o calorico irradiante, e não aquece tanto que chegue ao ponto de ebulição; eis aqui tudo.

Tinha, pois, razão quando disse que esta experiencia, perigosa na apparencia, era quasi insignificante na realidade.

Tenho-a repetido frequentes vezes com chumbo, bronze, etc., e sempre colhi o mesmo resultado.

De resto, aquelles que se recordarem da experiencia, que consiste em mergulhar na agua uma porção de prata, ou platina incaudescente, conceberão facilmente o machinismo d'esta. Na primeira a agua arreda-se do metal, que parece envolvido n'uma camada de chrystal; na segunda é o metal liquido que se affasta da mão humida. Na primeira ainda o metal é activo, e a agua passiva; na segunda, pelo contrario, a mão humida é activa e o metal fundido passivo; as duas experiencias, pois, constituem uma e a mesma experiencia; é a reacção igual á acção; é, finalmente, a mais simples das equações *ab-ba*.

Não fallarei na introdução de uma véla acceza na bôcca, e em outras muitas experiencias do mesmo genero que, pela sua insignificancia, não são dignas da attenção da Academia.

Assim, no espaço de dez annos, pude fazer gelo em uma fornalha, e banhar-me impune-mente no metal incaudescente, e isto em virtude das leis que regem a materia no estado spheroidal.

Embora se pretenda negar a grande importancia do estudo profundo da materia no estado spheroidal; embora se queira negar a influencia que o estado molecular tem de exercer mais tarde ou mais cedo na sciencia; a questão é apenas de tempo; mas o futuro, que não nos pertence, julgará talvez com severidade aquelles dos meus compatriotas, que suprimem nas *Memorias dos Sabios estrangeiros*, antes de as imprimir em França, as passagens favoraveis aos resultados dos meus predilectos estudos. E' uma acção esta que basta para manchar as mais brilhantes reputações scientificas.

Disse, em Memória que offereci á Academia, que se encontravão vestigios de ser conhecido o

estado spheroidal, na Biblia. O facto que eu referi a respeito de Adurabad Mabrasphand (e podia apontar muitos outros) não parece indicar que a antiguidade tinha conhecimentos mais extensos do calor do que nós pensamos? Desconhecia talvez pequenas cousas; como, por exemplo, os millesimos dos grãos centigrados, mas conhecia indubitavelmente os seus grandes resultados.

Deduz-se d'esta nota que um certo numero de factos historicos, considerados como fabulosos, podem ser veridicos, e que os antigos philosophos sabião provavelmente muitas cousas que nós não sabemos. Não deixará de aproveitarmos um pouco menos de admiração pelas nossas cousas, e mais algum respeito pelas antigas.

Terminarei esta nota, lembrando á Academia, cuja indulgente benevolencia reclamo, a extraordinaria e inesperada analogia que existe entre a molécula viva e a molécula no estado spheroidal; é a invariabilidade da temperatura, qualquer que seja a variação do meio ambiente.

O homem pôde viver em athmosphera que varie de 30 a 40 grãos, sem a sua propria temperatura ser affectada. Sabe-se que um homem pôde supportar por algum tempo as temperaturas extremas de 60 e de 150 grãos, continuando a sua invariavel. Sabe-se que o habitador dos pólos e os dos afortunados climas tropicaes, e os dos ardentes climas da linha conservão igual temperatura, ou que, se varia, é em pequenissima escala.

Isto posto, tome-se um pouco d'agua e projecte-se em um vaso aquecido a 142 grãos; a agua tomará immediatamente a temperatura de 98 grãos e conservar-se-ha inalteravel, ainda que aquelle vaso se eleve a todas as temperaturas imaginaveis além do *minimum* que acabei de indicar (+ 142 grãos).

Este estado de equilibrio inalteravel dos corpos no estado spheroidal, quanto ao calor, ha de concorrer um dia, como espero, para a explicação de um dos maiores mysterios da criação.... a mesma criação.

Compreende-se perfeitamente que um fluido, cuja temperatura é inalteravel, quaesquer que sejam as variações de temperatura dos corpos que o rodêao, é um fluido eminentemente proprio á incubação. Isto basta para explicar o meu pensamento, sem o desenvolver.

Da autoridade dos Evangelhos

POB M. FRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegoiro).

(Continuado do n. 4.)

Os incredulos são forçados a confessar que já no correr do segundo seculo, os Evangelhos que hoje possuímos erão conhecidos, citados, acatados, como sahidos das proprias mãos dos primeiros discipulos de Jesus: é este um facto de que podemos apresentar testemunhos irrecusaveis. Seja o primeiro S. Justino; sendo antes philosopho platonio, abraçou o christianismo na idade de 30 annos. Nascido no começo do segundo seculo, não houvera alcançado os Apostolos, mas seus discipulos immediatos.

Pelo anno 150 apresentou elle uma *Apologia* pelos christãos aos imperadores romanos Antonio-o-Piedoso, Marco Aurelio, e Vêro, ao senado e ao povo. Refere-nos que o costume das igrejas christãs era ler nas assembléas esses escriptos dos Apostolos que se denominão *Evangelhos*; e nessa *Apologia*, como em outra mais resumida, cita uma infinidade de episodios que ainda hoje ahí lemos.

O segundo testemunho é o do sábio bispo de Leão, Santo Irenêo, que havia do Oriente passado ás Gallias, e que era discipulo de S. Polycarpo, que o fôra do Apostolo S. João; seu testemunho é de um peso immenso.

Em sua obra contra as heresias * diz expressamente que apenas ha quatro Evangelhos, e são exactamente os nossos quatro Evangelistas que designa por seus proprios nomes. Esta cadeia de testemunhos sobre a fé do segundo seculo se prolonga em Tertuliano, Clemente de Alexandria, Origenes, homens tão doutos como habeis. Agora pergunto, onde deporemos confiança sobre a antiguidade e origem dos nossos Evangelhos, n'um vão critico do XVIII seculo que suscita duvidas frivolas, ou nessas igrejas christãs, que desde o segundo seculo tributavão o respeito mais profundo aos nossos Evangelhos, como remontando-se aos proprios Apostolos? Note-se que o Oriente e o Occidente, a Asia menor, a Grecia, o Egypto, a Italia, tinham recebido immediata-

mente a fé dos primeiros fundadores do christianismo: e quem podia melhor conhecer o que dizia respeito aos Apostolos senão as igrejas fundadas por elles?

E se desde o segundo seculo tantos povos diversos attribuião os nossos Evangelhos aos Apostolos, d'onde provinha o seu accôrdo senão do testemunho unanime de seus predecessores? E' o segundo elo da cadeia que se prende pelo primeiro ao berço do christianismo. A herança dos pais havia sido arrecadada pelos filhos, e é manifesto que uma crença tão firme, tão universal e ao mesmo tempo tão incontestavel do segundo seculo sobre os nossos Evangelhos, suppõe a crença do primeiro.

Mas não teremos nada a apresentar desse primeiro seculo?

Apenas resta-nos um pequeno numero de escriptos, e sobre esse objecto farei uma observação que não deixará sem duvida de parecer mui natural. Na origem do christianismo tratava-se sobre tudo de o propagar por meio da prédica, mais do que de compôr obras; e era por entre toda a especie de adversidades e perigos que os chefes das igrejas nascentes exercião seu divino ministerio. Os livros são o fructo do tempo e do descanso; não nos deve, pois, admirar que o primeiro seculo tenha sido menos fecundo que os seguintes; mas o que d'elle ficou dá sufficiente testemunho aos nossos Evangelhos. Temos duas cartas de S. Clemente de Roma; muitas de Santo Ignacio, bispo de Antiochia; uma de S. Polycarpo, bispo de Smyrna e discipulo de S. João; a epistola que traz o nome de S. Bernabé, e que se não é d'elle é certamente de algum escriptor apostolico; o livro do *Pastor* por Hermas, e finalmente alguns fragmentos de Papias, bispo de Hiéropolis, que nos forão conservados por Eusebio. * Este ultimo designa S. Marcos e S. Matheus como tendo escripto as acções e discursos de Jesus Cristo.

Quanto aos outros escriptores do primeiro seculo, elles fizeram o que fazem ainda hoje os autores ascéticos e oradores christãos, que citão de memoria os livros santos, sem indicarem nem o livro particular, nem o capitulo, nem o escriptor sagrado onde bebêrão, e limitão-se a dizer: *está escripto, diz o Senhor*, ou *como diz o Evangelho*; mas o que é preciso bem notar é

* Adv. Hœr. liv. III, cap. I, II e III, n. 8.

* Adv. Hœr. liv. III, cap. I e II, n. 8.

que os nossos apologistas extrahirão desses diversos autores do século dos Apostolos um grande numero de assumptos que lemos ainda em nossos Evangelhos, ou que fazem allusão manifesta ao texto evangelico.

(Continúa).

Carlina.

No recente assalto e tomada de Paysandú, morreu um dos poucos homens, que me tem dado e merecido o titulo de amigo. Chamava-se Leonel. Desde a infancia nos extremeciamos de affecto um pelo outro, como dous irmãos—por ventura melhor e mais que dous irmãos.

Ao mesmo arrebol da manhã nos sorrirão as esperanças, os sonhos, as crenças... mentidas uma e cem vezes. Na eternidade do nosso affecto havia o quer que fosse de mysteriosamente poderoso que nos prendia de coração a coração. Explical-o não sei.

Leonel residia de ha muito no Uruguay; e quando, travada a lucta entre o Brasil e o Prata, entrevia a possibilidade de morrer, sem valer ao seu desejo a fraqueza e crime do suicidio, para lá correu ancioso, como se a morte para elle fosse allivio de amargurada existencia.

Ninguém lhe citou o nome:—é que elle não foi ali propriamente para vencer e matar, senão para morrer. Não combateu pela gloria;—atirou-se de peito nu e ancioso á morte. Não era um soldado, era um martyr. E a cada passo que dava, e sentia ainda viver, praguejava o destino, a Providencia, o acaso, e a si proprio.

Então, arremettia como louco por onde mais sibillavão as balas, e matava e feria, para que o ferissem e matassem... Mas parecia escarneo da fortuna! elle affrontando e invocando a morte, e ella a fugir-lhe! elle a estender-lhe os braços, ella a evital-o! elle a chamal-a em gritos de desespero, e ella a rir-lhe, e a zombar,—abatendo ao mesmo tempo a um lado e a outro, as victimas do sacrificio cruento.—Era de en-doidecer!

Afinal, cahio tambem:—primeiramente de joelhos, como agradecendo ao Senhor a misericordia de tirar-lhe a vida; e depois rolando no pó da terra, nas contorsões derradeiras, até que o cadaver se sumio debaixo de outros cadaveres n'aquella hecatombe humana, immensa e dolorosa, que a honra da patria exigira.

N'estas poucas paginas, escriptas por elle proprio, e que eu transcrevo aqui, vai o segredo d'aquelle seu afan e desejo de perecer.

Dizem assim.

I.

..... que eu só amei a Deus e a ti!

Carlina a principio era uma destas mulheres que se devem admirar de longe.

A aproximação era-lhe desvantajosa;—verdadeira miragem, ao longe captivava, attrahia o espirito, como o oásis no deserto attrahe o viajor; mas o encanto desfazia-se ao perto, e o coração illudido desadorava a que lhe mentira.

Raramente se encontra um typo tão completo. A imaginação mais ardente do mais inspirado artista, não pôde por ventura conceber formas tão perfeitas. Porém a estatua era de gelo.

Nos mundos sem limites do pensamento haverá quem sonhe idéaes como aquelle; porém o coração e o espirito, acercando-se d'elle, hão de regelar de morte!

Concebe-se e perdoa-se que a mulher bonita seja cruel, desapiedada; que mate agora com um olhar de desprezo a esperança que brotou ha pouco d'um seu sorriso; que nos ponha aos labios a taça do fêl, após um beijo de celeste doçura; que nos roxeie os pulsos com as algemas do martyrio; que nos abra hoje o paraíso, e d'elle nos expulse amanhã; que nos erga ao céu, e de lá nos atire aos abysmos.... tudo isso se concebe e se perdôa. Mas ser fria, gélida, impassivel, — cadaver que se move, estatua que não sente, mulher que não ama, que não odeia, que não despreza, que não aborrece, que não esmaga, que não condemna.... nem absolve.... é um ente miseravel!

Carlina era d'uma natureza toda excepcional, e o requinte da insensibilidade. Aquelle coração não tinha fibras para o sentimento ou estava por tal forma entorpecidas que não havia commoção que lh'as fizesse vibrar.

Amei-a, a principio pela formosura sem igual, depois pela sua propria insensibilidade. Estes caprichos do coração hão de ser sempre a suprema desgraça do homem. D'onde vira a loucura de nos irritarmos com os obstaculos? Por que ha de o homem amar a mulher que o esmaga, e passar com desdem ao lado da que o adora submissa e de joelhos, como escrava e como idólatra?

Parece que a vida está n'essas mesmas contrariedades: — a rosa que se apanhou sem custo, aspira-se um momento e depois atira-se ao chão com indiferença, ou nos cahe das mãos insensivelmente: a que, porém, nos rasgue os dedos com os espinhos... conosco vive mais tempo, e mais a conservamos, e mais a preservamos, como se a gota de sangue que nos roubou e lhe tingio as folhas, formasse não sei que secretos laços de consanguinidade entre ella e nós, que o partil-os nos seja doloroso!

O meu amor por Carlina era uma loucura tal, que ella propria um dia m'o extranhou.

— Deixe-me que a ame. E' tão suave para mim este amor! lhe disse eu.

— Um amor sem esperança... porque eu não lh'o posso retribuir.

— Paciencia! Já agora é muito tarde para me arrepender. Os sentimentos têm o seu curso natural, como as aguas d'um rio, e o retrocesso é impossivel. Deixe-me adorar-a, pois. Se as minhas lagrimas não puderem jámais mover a sentimentos de piedade, hão de delir-me o coração, e com elle morrerá o amor.

— E' uma loucura, positivamente!

— Será!... Nunca chorou, Carlina?

A moça pôz-se a sorrir. — De facto nunca chorára. Seria essa a razão pela qual o brilho de seus olhos era tão magnetico?

— Sabe o que me parece, Carlina? Um destes vasos preciosos, lindissimos na fórma, entalhados de fina pedraria... mas contendo essencia impura!

— Deveras?

— Sempre esse sorriso! E' uma estatua que desfrange os labios: sempre a mesma expressão, fria como a sua alma! Ah! Carlina, que desventura a sua! Se soubesse quanto é bom amar!...

— Pois ensine-m'o... obrigue-me a amal-o! Eu não evito o amor. Se o meu coração houver um dia de fallar e de sentir, creia que irei cheia de jubilo agradecer o milagre ao Senhor! Mas agora... se eu nada sinto!...

Sabe uma cousa? o meu coração é talvez surdo-mudo de nascença! Acredita na possibilidade d'um tal phenomeno?

— Que gracejo, Carlina!

— E' que a minha vida interior é totalmente diversa da das outras mulheres.

Fallão-me de extasis radiosos, de sonhos e jubilos, de alegrias que arrebatam subitas do coração a um olhar, a uma palavra, como a agua da penedia esteril fendida pela vara de Moysés. A palavra sagrada que tem de abrir-me a alma a esses enthusiasmos ainda me não feriu os ouvidos. Muitos homens me têm dito palavras de amor, e muitos olhares vi fitados em mim; mas as phrases sempre me resvalavam nos ouvidos sem que minh'alma as ouvisse nem comprehendesse, e os olhares... não houve olhos ainda que se não cerrassem, se eu os encaro a fito.

— Hei de eu olhal-a sem que os olhos se me cerrem!

— Quando?

— Agora!

— Experimente.

— Experimentemos!

E encarei a moça; ella ergueu lentamente os olhos para mim... levantou o véo dos longos cilios, e fixou-me a seu turno, tão firme, que as minhas palpebras tremêrão, e senti que se fechavam. Fiz um esforço inaudito, mas os olhos d'aquella mulher queimavam-me! A mesma impressão que nos causa o olhar o sol, sentia-a eu então. Era uma verdadeira angustia. Mas a minha vontade de ferro, tinha como immovel a palpebra, e eu crispava os dedos com phrenesi, cravando ao mesmo tempo as unhas em mim proprio até sentil-as humidas de sangue.

Durou a lucta poucos minutos. Carlina foi a primeira a desviar os olhos. Eu estava pallido de morte.

— Não quero mais! Faz-me mal esse seu olhar... encomoda-me!

E estava de tal maneira agitada que se ergueu e deixou-me.

Eu cahi exausto! (Continua.)

UM DIVORCIO ORIGINAL

Comedia em um acto

pelo Dr. A. de Castro Lopes.

(Vid. o n. antecedente.)

SCENA III.

O MESMO E MATHILDE.

Mathilde, satisfeita: — Os passeios fazem-me muito bem. (Acariciando-o.) Meu velho, porque não vaes dar um passeio?

Gervasio, de mau humor, sobre o olho carregado:—A mim fazem-me muito mal.

Mathilde, com estranheza:—Que é isto? temos trovada armada?

Gervasio:—E pôde ser que o raio venha a cahir bem perto.

Mathilde, com ar de mofa:—Santa Barbara! S. Jeronymo!

Gervasio, bufando muito alto.

Mathilde, com ar de mofa:—Que tufão! está de metter medo!

Gervasio, com colera concentrada:—Com que, então, os passeios fazem-lhe muito bem?

Mathilde:—Si fazem! Ao menos dissipão-me o mau humor.

Gervasio, idem:—Pois é continuar, é continuar.

Mathilde:—E que duvida! Hei de continuar.

Gervasio, tomando o chapéo e a bengala, e indo para dentro:—Eu tambem vou dar um passeio. (*Salta pela mesma porta por onde Mathilde entrou.*)

Mathilde:—E faz muito bem; ha de vir mais fresquinho.

SCENA IV.

A MESMA E HONORATO, entrando com pressa e dizendo desde a entrada:

Honorato:—Meu amigo, esqueci-me....

Mathilde:—Oh! Sr. Doutor....

Honorato:—Minha senhora, perdão; suppoz que ainda aqui estava o meu amigo.

Mathilde:—E' o mesmo.

Honorato:—Mas é que....

Mathilde:—Dizia que tinha esquecido....

Honorato:—E' verdade; tinha me esquecido de dizer-lhe que mudei o meu escriptorio.

Mathilde:—Ah! mudou o seu escriptorio?

Honorato:—Fui obrigado a mudar, porque a clientella....

Mathilde:—Tem augmentado, naturalmente?

Honorato:—Progressivamente; e depois, a minha especialidade....

Mathilde:—E qual é a sua especialidade?

Honorato:—Causas de divorcio, sim, causas de divorcio.

Mathilde:—Causas de divorcio!

Honorato:—E' verdade, Exm.^a

Mathilde:—Pois ha tantos casaes que vivem mal?

Honorato:—Não faz idéa, Exm.^a: na minha profissão é que se conhece quanta desharmonia reina no estado conjugal.

Mathilde:—Não me parecia.

Honorato:—Entretanto é a pura verdade.

Mathilde:—Mas já agora excitou-me a curiosidade.

Honorato:—Satisfarei a V. Exc. com muito prazer.

Mathilde, convidando-o a sentar-se:—Ora sentemo-nos.

Honorato, obedecendo:—Com muito prazer. Pois é, como acabo de dizer a V. Exc., tenho em mãos um grande numero de causas deste genero.

Mathilde:—Com effeito! nunca suppoz semelhante coisa: pareceu-me sempre que só por excepção é que essas desavenças acontecião.

Honorato:—Infelizmente não é assim. Quantas vezes, Exm.^a Sr.^a, julga-se um casal muito feliz e não o é!

Mathilde:—E' possível, é possível.

Honorato:—Entretanto que essa apparente felicidade depende de ignorar um dos conjuges a perfidia do outro! Quantas vezes uma senhora respeitavel, como V. Exc., por exemplo, acredita que o seu marido, que já não é creança, que é mesmo adiantado em annos, lhe é fiel, e na realidade não succede assim!

Mathilde:—Porem não comprehendi bem: o Sr. Dr. está figurando um caso, não é isto?

Honorato, como que mastigando as palavras:—Sim, pôde-se figurar um caso; mas quero mesmo dizer que ha realmente casos....

Mathilde:—Comprehendo; mas o doutor não quer dizer que....

Honorato, fazendo um esforço:—V. Ex.^a me permite?

Mathilde, com certa altivez misturada de desconfiança:—Pôde fallar, Sr. doutor.

Honorato:—Eu venero a pessoa de V. Ex., como a posteridade tem venerado até hoje a memoria de Lucrecia.

Mathilde, como quem tem pressa de ouvir a conclusão:—Obrigada, Sr. Honorato, obrigada.

Honorato:—Creio que tenho dito tudo nestas poucas palavras.

Mathilde:—Sim, senhor, mas....

Honorato:—Longe de mim querer perturbar a paz domestica: porem eu sei que V. Ex. soffreu uma doce violencia, e foi, por assim dizer, uma victima immolada no altar do Hyménéo....

Mathilde, suspirando:—Continue, continue, doutor.

Honorato:—Entretanto é doloroso ver que apesar de sacrificada....

Mathilde:—Soffro infidelidades de um marido velho, que aborrece-me de mais a mais com ciumes extemporaneos, não é isso o que quer dizer?

Honorato:—V. Exc.^a o diz.

Mathilde, com resolução:—Pois bem; não é ciume; é o resentimento da minha dignidade offendida; é o resentimento de ver tão mal correspondido o meu procedimento sempre exemplar, que me inspira um justo desforço. Oh! não se zomba assim de uma mulher, de uma mulher como eu.

Honorato:—Acho que V. Exc. tem toda a razão.

Mathilde:—E o que me aconselha, doutor?

Honorato:—Um divorcio; é o remédio legal: ha testemunhas, o processo corre os tramites....

Mathilde:—Mas testemunhas....

Honorato:—De verem o Sr. Gervasio ir a uma mesma casa em certos e determinados dias da semana....

Mathilde, tocando a campainha; apparece o mesmo creado:—O senhor já voltou?

Creado:—Ainda não, senhora. (*Salta o creado.*)

Mathilde, dirigindo-se a Honorato:—Pois bem; mas talvez essas testemunhas....

Honorato, em tom de quem assegura:—Eu, eu mesmo tenho visto, Exm.^a Sr.^a

Mathilde.—Oh! é muito abusar! é zombar, quanto é possível, de uma mulher, como eu, que me sacrifiquei...

Honorato.—Perdão, minha senhora; o Sr. Gervasio pôde voltar, e eu não desejo...

Mathilde.—Mas o Sr. não pôde encarregar-se de tratar desta questão?

Honorato. com algum embaraço.—Eu... eu... não acho muito conveniente encarregar-me ostensivamente; entretanto fallarei a um collega, e V. Exc. entender-se-ha só comigo para as despesas.

Mathilde.—Bem, gaste-se o que for preciso, contanto que eu não tenha diante de meus olhos um homem que escarnece, que zomba da minha nunca desmentida probidão.

Honorato.—Então, eu apparecerei logo que V. Exc. me mande chamar.

Mathilde.—Sim, Sr. Honorato. (*Salta Honorato.*)

SCENA V.

A. MESMA E GERVASIO.

Gervasio, vindo do interior, e em tom muito secco.—Senhora...

Mathilde, no mesmo tom e de costas.—Pôde fallar.

Gervasio.—Para fallar não preciso de sua licença.

Mathilde.—Nem eu.

Gervasio.—Queira ver que é seu marido quem lhe está dirigindo a palavra.

Mathilde.—Os direitos são iguaes.

Gervasio.—Mas o seu dever...

Mathilde.—Os deveres que eu tenho são iguaes aos que o Sr. tem.

Gervasio.—Eu não estou em idade de ouvir lições.

Mathilde.—Nem eu tão pouco de aturar grosserias.

Gervasio, colérico.—Isto é intoleravel! Não é possível soffrer mais! (*Bate com o pé e vai para dentro.*)

Mathilde, colérica.—Eu hei de fazer tambem o que me cumpre. (*Vai para dentro pelo lado opposto.*)

(*Continúa.*)

Coisas e loisas.

Neste mundo de Christo todos querem brilhar.

No parlamento, nos gabinetes ministeriaes, nas secretarias d'Estado, na familia, no individuo existe sempre a paixão, o amor proprio de exceder aos outros.

Quando o amor proprio é bem entendido, quando elle se demonstra na pratica do bem para com nossos semelhantes, quando a virtude, a caridade, o valor e a gloria é o objecto da emulação, o homem eleva-se e a sociedade lucra.

A prova da verdade supra é uma associação que existe entre nós e que tem enxugado muitas lagrimas derramando o santo balsamo da consolação no coração da pobre viuva, triste orphã e desamparado proletario.

Não lereis nos jornaes pomposos clogios, bombasticas noticias que annuncião de vespera o beneficio nullificado pela fôla vaidade. Não!

A *Caixa Municipal de Beneficencia* comprehende a santa maxima do Evangelho, e dando a esmola com a mão direita deixa a esquerda ignorar a mão do beneficeiro.

Os pobres consolados, as virgens amparadas, a desgraça protegida não ignora entretanto o nome do fundador de tão pia instituição.

O Dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada, homem philanthropico, sacerdote infatigavel da sublime caridade, medico que tanto visita a cabana do pobre como o palacio do rico titular, é abençoado por dezenas de infelizes, aos quaes a *Caixa Municipal de Beneficencia* tem minorado os horribes soffrimentos da miseria.

O Club Mosard entendeu assim tambem a maneira de distinguir-se, e dando um brilhante concerto vocal e instrumental, no dia 27 do mez proximo passado, no

salão do theatro Lyrico, praticou uma obra de caridade e de patriotismo.

Fazer uma descripção exacta de tão magestosa festa artistica era minha vontade, mas o espaço que me facultão os dignos redactores deste jornal não comporta artigos de longo folego.

Seja-me licito entretanto fazer meus sinceros cumprimentos ao Sr. Gambôa, regente da orchesira e compositor da magnifica cantata — *Aurora da Campestina*, — de subito merito artistico. As Exmas. Sras. Redondo, Baptista e Palha colhêrão merecidos applausos. O Sr. Arthur Napoleão mostrou-se como sempre pianista de primeira ordem.

A sociedade particular — *Instituto Dramatico* — distinguio-se em uma bella representação dada na *Phoenix*, em beneficio de um joven premiado com a viagem á Europa pela *Imperial Academia das Bellas-Artes*.

O *Instituto Dramatico* estendeu mão generosa á seu companheiro. E' o seu maior elogio. Feliz do mortal que pôde ser benefico á seu semelhante.

O que não parece muito benefico é a terrivel perseguição que soffre o infeliz que tem a coragem de passar depois das 10 horas da noite pela travessa de S. Sebastião, no Castello. Fallo de alguns cães com saltando o muro de uma chacara investem com furor diabolico para o traseunte que têm de correr para escapar aos *beijinhos* d'aquelles animaes que não respeião a inviolabilidade das pernas de um cidadão.

ZERO.

Charada.

Se souberes um — i — bem collocar,

Objecto servi de grande apreço. — 2

Estando em qualquer rua, — no Perú

Sempre me derão mui subido preço. — 2

CONCEITO.

E' uma estrella

Auri-brilhante,

Que fascinante

Na terra luz!

E' um archanjo,

Linda donzella,

Que — de tão bella,

De amor seduz!

Enigma



O é — vlooo q o

A explicação do enigma do n. antecedente é: *A fidelidade é filha das grandes almas.*